

Nome: _____, nº _____.

Série: 1ª série _____.

Data: _____.

PROVA TRIMESTRAL DE LITERATURA

1ª SÉRIE DO ENSINO MÉDIO

Leia atentamente as instruções antes de iniciar a prova:

- O objetivo desta prova é fazer uma reflexão sobre as primeiras visões acerca da introdução aos estudos literários, realizada ao longo do trimestre.
- Centra-se a reflexão nos conceitos de intertextualidade e interdiscursividade, na teoria dos gêneros literários e na leitura crítica de textos, em especial do romance **Bom dia, camaradas**, de Ondjaki, e das primeiras partes de **Capitães da Areia**, de Jorge Amado.
- A prova é composta por questões dissertativas que deverão ser respondidas no espaço delimitado.
- Verifique se a impressão de sua prova está completa, contendo 15 páginas numeradas, a contar desta.
- Não é permitida a consulta a nenhum material externo. Os textos de apoio colocados ao longo da prova são suficientes para o que é solicitado.
- Organize-se: o tempo para realização da prova é de duas horas e trinta minutos.
- Faça bom uso do tempo reservado para a prova realizando uma leitura atenta dos textos apresentados, interpretando, com cautela e atenção, o que é solicitado nos enunciados.
- A interpretação dos enunciados faz parte da avaliação, portanto você deverá ler atentamente todas as questões e não poderá solicitar ajuda.
- As respostas deverão ser feitas, obrigatoriamente, à caneta de tinta azul ou preta. Respostas à lápis serão desconsideradas.
- Atenção aos aspectos gramaticais: a adequação formal das respostas à norma padrão da língua portuguesa será avaliada e o desvio à norma acarretará desconto na pontuação final.
- Tenha cuidado também com a caligrafia: o respeito ao leitor faz parte da realização de uma boa prova.
- Dê respostas completas, citando, sempre que possível, o(s) trecho(s) que sustente(m) as ideias apresentadas, revise aquilo que escreveu e só entregue sua avaliação quando estiver certo de que não há mais nada a ser melhorado.

Mantenha a calma e faça um bom trabalho!

Professor Michel Macedo

Introdução

Iniciamos o ano com uma nova experiência de segmento e de vivências. Começamos a dar os primeiros passos na ampliação do estudo de Língua Portuguesa. Uma nova organização da disciplina, por exemplo, é uma novidade que você já está bem acostumado – imagino. Ao menos, reconhecendo os objetivos e as intenções de cada frente de trabalho.

Em Literatura, aprofundamos o estudo e a criticidade em torno dos textos que lemos, ouvimos, temos contato de diferentes maneiras, enfim. A arte da palavra nos possibilita um estudo interdisciplinar que não observa apenas as palavras em si, mas as entrelinhas e as várias possibilidades de sentido que os livros abrem para nós. Para isso, é importante também que observemos o contexto ao qual o texto está ligado.

A partir desta ideia, torna-se possível realizar leituras mais atentas de materiais escritos, de imagens, de esculturas, de pinturas, de concertos musicais, enfim das mais diversas formas de linguagem que se constituem como textos, pois possuem carga de significação e transmitem mensagens. Mais do que isso, a partir do estudo de (con)textos, fazemos leituras mais profundas do mundo, dos fatos e das coisas que nos rodeiam.

Para ampliar nossa construção de pontos de vista sobre diferentes conjunturas sociais, lemos o romance **Bom dia, camaradas**, de Ondjaki, e iniciamos a leitura de **Capitães da areia**, de Jorge Amado. Embora haja uma distância temporal e espacial, as temáticas da infância e da (falta de) liberdade são presentes nos dois textos. Tanto Ondjaki quanto Jorge Amado apresentam um panorama de como a política está presente na vida das pessoas, independentemente da fase da vida em que nos encontramos. Seja na Luanda da década de 80, seja na Salvador da década de 30, seja em São Paulo no ano de 2025, estamos cercados e rodeados por ações políticas que nos impactam de diferentes maneiras. Por meio da literatura, os escritores também nos levam a pensar sobre alguns aspectos que são negligenciados pelos Poderes Públicos, como pudemos observar no romance angolano e no romance ambientado na capital baiana.

Ambos os romances se aproximam das características do gênero épico, porém os momentos de lirismo nos prendem ao enredo e nos encantam pelas possibilidades que os livros abrem para nós. Épico, lírico... essas palavras apontam para outro conteúdo que refletimos em nossas aulas: a teoria dos gêneros literários.

Agora, é chegado o momento da prova trimestral, que é notório e significativo ao longo do processo, para verificar o que começou a se solidificar ao longo de nosso percurso iniciante.

Para iniciar nossa avaliação em que reuniremos grande parte dos conceitos estudados em nossas aulas, vamos ouvir¹ e acompanhar a leitura, primeiramente, de um conto do escritor Geovani Martins (autor do conto *Espiral*) que faz parte da coletânea de contos **O sol na cabeça**, lançado em março de 2018, em que o mais novo fenômeno da literatura brasileira retrata a infância e a adolescência de moradores de favelas, de modo mais humanizado – que, infelizmente, não é o olhar mais comum a essas pessoas.

¹ A audição do conto foi proposta a partir da gravação feita pelo autor, Geovani Martins, e divulgada na Revista Piauí. Pode-se acessar o arquivo no link: <https://piaui.folha.uol.com.br/os-meno-vai-praia/>. Acesso em 30 de agosto de 2025.

A intersecção entre as reflexões dos textos literários e os problemas sociais já se mostrou uma temática bastante presente em nossas aulas, não é mesmo? ... Dedique-se, agora, à escuta e leitura do conto colocado a seguir, pois ele será o primeiro instrumento de análise desta prova.

Rolézim²

Para Matheus, Alan e Gleison

1. Acordei tava ligado o maçarico³! Sem neurose⁴, não era nem nove da manhã e a minha caxanga⁵ parecia que tava derretendo. Não dava nem mais pra ver as infiltração na sala, tava tudo seco. Só ficou as mancha: a santa, a pistola e o dinossauro. Já tava dado que o dia ia ser daqueles que tu anda na rua e vê o céu todo embaçado, tudo se mexendo que nem alucinação. Pra tu ter uma ideia, até o vento que vinha do ventilador era quente, que nem o bafo do capeta.
2. Tinha dois conto em cima da mesa, que minha coroa⁶ deixou pro pão. Arrumasse mais um e oitenta, já garantia pelo menos uma passagem, só precisava meter o calote⁷ na ida, que é mais tranquilo. Foda é que já tinha revirado a casa toda antes de dormir, catando moeda pra comprar um varejo⁸. Bagulho era investir os dois conto no pão, divulgar um café⁹ e partir pra praia de barriga forrada¹⁰. O que não dava era pra ficar fritando dentro de casa. Calote pra nós é lixo, tu tá ligado, o desenrolo¹¹ é forte.
3. Passei na casa do Vitim, depois nós ganhou pra caxanga do Poca Telha, aí partimo pra treta do Tico e do Teco. Até então tava geral na merma meta: duro¹², sem maconha e querendo curtir uma praia. A salvação foi que o Teco tinha virado a noite dando uma moral pros amigo na endola¹³, aí ganhou uns baseado. Uns farelo que sobrou do quilo. Arrumou até uma cápsula. O caô era que ele queria ficar morgando¹⁴ em casa invés de partir com nós. Teco é maluco. Até parece que ia conseguir

² Rolézim: passeio; dar uma volta.

³ Maçarico: aparelho usado para produzir chama, a partir do uso de combustível gasoso ou líquido.

⁴ Neurose: história inventada; paranoia.

⁵ Caxanga: casa. (Definição do autor)

⁶ Coroa: mãe.

⁷ Meter o calote: fato ou situação em que não se realiza o pagamento devido por um serviço ou prática.

⁸ Comprar um varejo: fazer compras para abastecer uma casa com alimentos básicos para café da manhã, almoço e jantar.

⁹ Divulgar um café: tomar café.

¹⁰ Barriga forrada: estar com o apetite saciado.

¹¹ Desenrolo: conversar com o intuito de persuadir ou seduzir alguém. Serve também para resolver algum problema, como em “desenrolar”. (Definição do autor)

¹² Duro: estar sem dinheiro.

¹³ Endola: palavra derivada de *endolação*, o processo de pesagem e embalo das drogas. (Definição do autor)

¹⁴ Morgar: descansar; ficar sem fazer nada.

dormir com aquela lua. Geral falou que na praia ele ia ficar tranquilão, só palmeando¹⁵ as novinha, dando uns mergulho pra refrescar a carcaça. Quando chegasse em casa, ia tá morgadão, dormir que nem criança. Ele disse que deixava um baseado com nós, mas que ia marcar em casa mermo. Sorte foi que o Vitim conseguiu instigar ele a dar um belengo¹⁶ pra ficar na atividade¹⁷. Acho que era isso mermo que ele queria, um parceiro pra meter o nariz com ele, pra não ficar sozinho na onda. Oprimido. Esses moleque gosta muito, papo reto, nunca vi! Dez da manhã, um sol da porra, e eles metendo a nareba.

4. Eu nunca cherei. Lembro de quando meu irmão chegou do trabalho boladão¹⁸, me chamou pra queimar um¹⁹ com ele nos acessos. Queria ter uma conversa de homem pra homem comigo, senti na hora. A bolação dele era que um amigo que cresceu com ele tinha morrido do nada. Overdose. Tava pancadão na bike, se pá até indo de missão comprar mais, quando caiu no chão. Já caiu duro. Overdose²⁰. Tinha a idade do meu irmão na época, pô. Vinte dois! Nunca tinha visto meu irmão daquele jeito, eles era fechamento mermo²¹. Aí o papo dele pra mim: pra eu ficar só no baseado. Nada de pó, nem crack, nem balinha, esses bagulhos. Até loló²² ele falou que era pra eu não usar, que loló derrete o cérebro. Sem contar os neguim que já rodaram com parada cardíaca porque se derramaram na loló. Naquele dia prometi pra ele e pra mim que nunca que ia cheirar cocaína. Fumar crack muito menos, tá maluco, só derrota. Loló eu até dou uns puxão²³ às vez, no baile, mas me controlo. Hoje eu vejo que o papo era reto, bagulho é ficar só no baseado mermo, até bebida é uma merda. Pra tu ver, no meu aniversário fiquei doidão, vacilando. Por causa de quê? Cachaça! O pior é que eu nem lembro de nada. Tava bebendo lá na treta do Tico e do Teco, jogando ronda, quando vi tava acordando em casa, todo sujo. Noutro dia é que me contaram o caô²⁴. Falaram que fiquei mexendo com as mina na rua, até segui uma novinha no beco. Mó papo de vacilação. Se vagabundo me pega numa dessa tomo um coro²⁵. Pega a visão²⁶.

5. O piloto nem roncou quando nosso bonde subiu na traseira, o ônibus tava como, lotadão, várias gente, cadeira de praia, geral suado, apertado. Tava osso²⁷. O que salvou a viagem foi ficar

¹⁵ Palmejar: ato ou efeito de olhar, observar; ato ou efeito de pegar ou apanhar algo.

¹⁶ Dar um belengo: cheirar cocaína. (Definição do autor)

¹⁷ Ficar na atividade: colocar-se em prontidão.

¹⁸ Bolado: característica de quem está nervoso ou estressado.

¹⁹ Queimar um: conversar enquanto fuma.

²⁰ Overdose: morte causada pelo uso excessivo de alguma substância.

²¹ Fechamento mermo: amizade sincera e verdadeira.

²² Loló: lança-perfume.

²³ Dar um puxão (no loló): fazer uso de loló.

²⁴ Caô: história inventada; mentira.

²⁵ Tomar um coro: levar uma surra.

²⁶ Pegar a visão: estar atento.

²⁷ Osso: característica daquilo que não é agradável.

marolando²⁸, vendo o Vitim e o Teco, os dois tava trincadão²⁹, mordendo as orelha. Papo reto, eu não entendo pra que que nego usa droga pra ficar oprimido, batendo neurose³⁰ com tudo. Que nem no dia que tava eu e o Poca Telha queimando um na laje da tia. Do nada brotou o Mano de Cinco com mais dois paraíba³¹ que tinha acabado de chegar da terrinha³². Caralho, menó... Se derramaram legal, uma linha atrás da outra, os paraíba ficou tudo como, com uns olho desse tamanho, se mordendo todo. Aí um dos pancados³³ já começou ouvir barulho onde não tinha e nós rindo à vera³⁴. O Mano de Cinco, que é mó piada também, deu trela, cismou que era os polícia entocado na laje ali do lado, preparando pra dar o bote³⁵ neles. Mano, os pará³⁶ peidou³⁷ na hora, saíram voado³⁸, descendo a laje. Foi muito engraçado! Eles andando lá embaixo na rua, tudo escaldado³⁹, se escondendo nos muro, com medo dos polícia brotar⁴⁰.

6. Operação⁴¹ mermo só teve quase uma semana depois, que foi até quando tiraram a vida do Jean. Sem neurose, gosto nem de lembrar, tu tá ligado, o menó era bom. Só queria saber de jogar o futebol dele, e jogava fácil! Até hoje vagabundo fala que era papo de virar profissional. Já tava na base⁴² do Madureira, logo iam acabar chamando ele pra um Flamengo, um Botafogo da vida. Pronto! Tava feito! Mó saudade daquele filho da puta, na moral. Até no enterro o viado tirou onda, tinha umas quatro namorada chorando junto com a mãe dele. Esses polícia é tudo covarde mermo, dando baque⁴³ no feriado, com geral na rua, em tempo de acertar uma criança. Tem mais é que encher esses cu azul⁴⁴ de bala. Papo reto.

²⁸ Marolar: observar as coisas e situações ao redor, sob o efeito de maconha.

²⁹ Trincado (estar trincado): não estar sóbrio, em razão do efeito de drogas.

³⁰ Bater neurose: criar confusão de modo desnecessário com situações corriqueiras.

³¹ Paraíba: uso de metonímia (figura de linguagem que se constitui, entre outras coisas, por usar uma parte pelo todo) para se referir ao indivíduo que é migrante do estado da Paraíba.

³² Chegar da terrinha: migrar e instalar-se em outra localidade.

³³ Pancado: aquele que está trincado (vide nota 29).

³⁴ Rir à vera: dar muita risada.

³⁵ Dar o bote: enganar.

³⁶ Pará: abreviatura de paraíba, no sentido da nota 31.

³⁷ Peidar: neste contexto, fugir.

³⁸ Voado: característica de rapidez, ligeireza.

³⁹ Escaldado: característica de desconfiança. Por extensão, *escaldação* é situação em que há desconfiança. Tem ligação com a expressão “gato escaldado”.

⁴⁰ Brotar: aparecer.

⁴¹ Operação: atividade policial planejada.

⁴² Estar na base: refere-se a estar no time de base de um clube – os times de base funcionam como uma espécie de vitrine para os times buscarem novos talentos.

⁴³ Dar baque: aparecer ou ir em algum lugar. Pode significar operação policial ou troca de tiros se falado no contexto policial. (Definição do autor)

⁴⁴ Cu azul: Polícia Militar, por causa da cor da farda. Relaciona-se com os apelidos dados a facções criminosas do Rio: Comando Vermelho e Terceiro Comando, sendo, respectivamente, cu vermelho e três cu. No linguajar, Amigo dos Amigos é chamado de Adelaide. (Definição do autor)

7. Chegamo na praia com o sol estalando, várias novinha pegando uma cor⁴⁵ com a rabeta⁴⁶ pro alto, mó lazer. Saí voado pra água, mandando vários mergulho neurótico, furando as onda. A água tava gostosinha. Nem acreditei quando voltei e vi o bonde todo com mó cara de cu. O bagulho era que tinha uns cana⁴⁷ ali parado, escoltando nós. Tava geral na intenção de apertar o baseado, e os cana ali. Esses polícia de praia é foda. Tem dia que eles fica sufocando legal. Eu acho que das duas uma: ou é tudo maconheiro querendo pegar a maconha dos outros pra fazer a cabeça, ou então é tudo traficante querendo vender a erva⁴⁸ pra gringo⁴⁹, pros playboy⁵⁰, sei lá. Sei é que quando eu vejo cana querendo muito trabalhar fico logo bolado. Coisa boa num é!
8. Quando finalmente os filho da puta decidiu meter o pé⁵¹, outro perrengue⁵²: ninguém tinha seda! Mó parada, né não, menó? Vários pulmão de aço no bagulho e nenhuma seda. Pior é que perdemos um tempão só pra decidir quem ia na missão de arrumar a roupa⁵³. Ninguém queria pedir pros maconheiro playboy lá da praia, tudo mandadão, cheio de marra⁵⁴. Quando eles tão sozinho, olha pra tu tipo que com medo, como se tu fosse sempre na intenção de roubar eles. Aí quando tão de bondão, eles olha tipo que como fosse juntar ni tu. É foda.
9. O Tico e o Poca Telha tentaram a sorte e não deu outra. Tinha dois menó ali perto de nós com mó cara de quem dá um dois⁵⁵. Desde que nós chegou que eles tava ostentando. Passava mate eles comprava, passava biscoito eles comprava, açaí comprava, sacolé⁵⁶ comprava. Deviam tá mermo era numa larica⁵⁷ neurótica. Eu já tinha palmeado pelo menos uns dois menózim que tavam escoltando eles, só no aguarde pra dar o bote. E eles lá, panguando⁵⁸, achando que o bagulho é Disneylândia. Sem contar os camuflado de trabalhador, que ficam só de olho em quem tá de malote, esperando a boa. O que me deixa mais puto é isso, menó. Tava os dois lá, de bobeira. Aí, quando chegou o Tico mais o Poca Telha pra pedir um bagulho pra eles, na humilde, ficaram de neurose, meio que protegendo a mochila, olhando em volta pra ver se num vinha polícia. Num fode! Tem mais é que ser roubado mermo, esses filho da puta. Não fosse minha mãe eu ia meter várias paradas na pista, sem neurose, só de raiva. Foda é que a coroa é neurótica. Ainda mais depois do bagulho que aconteceu com meu

⁴⁵ Pegar uma cor: bronzear-se.

⁴⁶ Rabeta: bunda.

⁴⁷ Cana: policial.

⁴⁸ Vender a erva: vender maconha.

⁴⁹ Gringo: indivíduo que vem de outro país; estrangeiro.

⁵⁰ Playboy: indivíduo de muitas posses; pertencente à classe média alta ou alta.

⁵¹ Meter o pé: ir embora.

⁵² Perrengue: adversidade.

⁵³ Arrumar a roupa: conseguir seda para enrolar (“vestir”) o baseado.

⁵⁴ Cheio de marra: característica daquele que é marrento; que se considera melhor do que outras pessoas.

⁵⁵ Dar um dois: fumar maconha. (Definição do autor)

⁵⁶ Sacolé: geladinho.

⁵⁷ Larica: sensação de fome provocada pelo uso de maconha.

⁵⁸ Panguando: estar desatento, alheio ao que acontece ao redor. (Definição do autor)

irmão. Ela sempre me manda o papo de que se eu for parar no Padre Severino⁵⁹ ela nunca mais olha na minha cara. Bagulho é doido!

10. Num fosse eu pra desenrolar⁶⁰, nós tava fodido. Os menó ainda deram mais um rolé, mas não arrumaram nada. Só um sedanapo⁶¹ com o amigo da barraca que tava na intenção de dar um dois com nós. Foda é que ninguém mais quer saber de napo, bagulho agora é só Smoking. Antigamente vagabundo fumava até na folha de caderno, no papel de pão. Agora é essa memeia⁶². Ganhei pro calçado e estourei a boa: arrumei foi uma da vermelha. Tu tá ligado que se apertar no talento dá até pra cortar no meio e fazer duas. Os menó ficaram de bobeira comigo.

11. Pior que foi tranqüilão pra arrumar a seda, pedi pra um rasta⁶³ que tava vendendo pulseira do reggae. Maluco resposta, me salvou até um cigarro! Me deu o papo pra ficar na atividade, que os verme⁶⁴ tava de maldade naqueles dias. Mataram um boliviano na areia, aí os cana tava sufocando na praia, com medo de morrer mais gente, se pá até um morador ou um gringo, e aí ia dar merda braba, tá ligado? Manchete no jornal, *Balanço Geral*⁶⁵, esses caô.

12. Mas os verme tavam de bobeira no bagulho, não ia morrer mais ninguém ali não. Tava tranqüilo, a parada tinha sido papo de cobrança e o maluco que passou⁶⁶ o boliviano tinha dado até um tempo da praia. O rasta mandou ficar na atividade se fosse fazer qualquer correria, mas eu disse pra ele que tava de boa, só queria curtir mermo uma praia, fumar meu baseadinho na humilde. Ele falou pra eu não perder nunca minha fé em Deus. Era um maluco maneiro, o rasta. Cria lá do Maranhão⁶⁷, ele. Disse que a maconha lá é arregada, que geral fuma, que ele começou a fumar com 10 anos, que nem eu.

13. Depois do baseado fiquei viajando, olhando as gaivota voando no céu. Quando batia o olho de frente com o sol, ficava tudo brilhando, mó marola⁶⁸. Quando não dava mais pra aguentar o calor, fui gastar minha onda na água. Foi a melhor parte: peguei vários jacaré bolado, ficava marolando

⁵⁹ Padre Severino: referência ao antigo Instituto Padre Severino (IPS), que era um reformatório localizado na Ilha do Governador, Zona Norte do Rio de Janeiro. Extinto em 2012, o local foi substituído pelo Centro de Socioeducação Dom Bosco, que tem uma visão mais humanitária, tentando deixar para trás um histórico de maus-tratos, rebeliões e mortes, comuns no antigo IPS. Assemelha-se à FEBEM (Fundação Estadual para o Bem Estar do Menor) que foi substituída pela Fundação CASA (Fundação Centro de Atendimento Socioeducativo ao Adolescente) em São Paulo.

⁶⁰ Desenrolar: resolver um problema.

⁶¹ Sedanapo: quando, na falta de seda, se usa guardanapo para enrolar um baseado. (Definição do autor)

⁶² Memeia: frescura. (Definição do autor)

⁶³ Rasta: referência à figura rastafári, que é uma associação feita, em geral, a indivíduos com longos dreads que vendem artesanato em locais públicos.

⁶⁴ Verme: indivíduo que pratica atos maldosos e ilegais, em geral, a mando de facção criminosa ou milícia.

⁶⁵ Balanço Geral: programa jornalístico da TV Record, conhecido por trazer matérias com forte apelo popular, em especial com pautas policiais ou comunitárias. O jornal é local e cada afiliada da rede foca nos municípios que serão abarcados pela atração.

⁶⁶ Passar: matar.

⁶⁷ Cria do Maranhão: indivíduo nascido no estado do Maranhão.

⁶⁸ Marola: ver nota 28, *marolar*.

rodando o corpo todo até a onda me deixar na areia. Depois ficamo geral disputando quem conseguia ficar mais tempo debaixo da água, mó perrengue! Só fumante no bagulho!

14. Mas a onda máxima foi quando nós tava já saindo da água: os playboy que fez miserinha de seda tavam tirando foto, pagando de divo⁶⁹ no bagulho. Quando foram ver, não viram nada. Dois menó passou voador e levaram as mochila com tudo dentro. Depois se enfiaram no meio da praia lotada. Os play ficou de bucha⁷⁰, com o celular na mão, panguando. Aí passou mais um menó e levou o celular também. Achei foi bem feito pra deixar de ser otário! Eu e os menó rimo pra caralho da cara deles. Os comédia meteu o pé, levando só a canga. Depois fiquei pensando nos menózim que saíram no pinote⁷¹. Os menó era tudo rataria⁷², mas o rasta já tinha dado o papo que a praia tava lombrada⁷³. Fiquei torcendo pra eles não cair na mão dos verme, tá ligado?

15. Quando nós viu já era quase de noite. Uma larica que, sem neurose, era papo de quarenta mendigo mais vinte crente. Tava na hora de meter o pé. E foi aí que rolou o caô. Nós tava tranqüilão andando, quase chegando no ponto já, aí escoltamos os canas dando dura nuns menó. A merda é que um dos cana viu nós também, dava nem pra voltar e pegar outra rua. Mas até então, mano, tava devendo nada a eles, flagrante tava todo na mente, terror nenhum. Seguimo em frente.

16. Quando nós tava quase passando pela fila que eles armaram com os menó de cara pro muro, o filho da puta manda nós encostar também. Aí veio com um papo de que quem tivesse sem dinheiro de passagem ia pra delegacia, quem tivesse com muito mais que o da passagem ia pra delegacia, quem tivesse sem identidade ia pra delegacia. Porra, meu sangue ferveu na hora, sem neurose. Pensei, tô fodido; até explicar pra coroa que focinho de porco não é tomada, ela já me engoliu na porrada.

17. Não pensei duas vez, larguei o chinelo lá mermo e saí voador. O cana gritou na hora que ia aplicar⁷⁴. Passei mal, papo reto, fui correndo com o cu na mão, queria nem olhar pra ver qual ia ser. Lembrei do meu irmão, de nós jogando golzinho na rua. Ele era sempre o mais rápido, era neurótico na corrida. Eu tava correndo quase que nem ele, no desespero. Quase chorei de raiva. Eu sei que o Luiz não era X9⁷⁵, meu irmão nunca que ia xisnovar⁷⁶ ninguém, morreu foi de bucha⁷⁷, no lugar de um vacilão desses daí que o mundo tá cheio. Isso sempre me enche de ódio.

⁶⁹ Pagar de divo: expor-se.

⁷⁰ De bucha: ser feito de otário ou usado como bode expiatório. Uma situação injusta ou que aconteceu à toa. (Definição do autor)

⁷¹ Pinote: característica daquilo que é rápido, ligeiro.

⁷² Rataria: conjunto de ratos (Definição do autor). Considera-se, por fim, um conjunto de ações com a intenção de levar vantagem de modo desonesto em cima de alguém. É uma derivação do termo *rato*, que se refere a uma pessoa malandra, esperta, desleal.

⁷³ Lombrada: situação tensa. Deriva do verbo *lombrar*, que significa que algo deu errado. Em outros estados, pode significar alguém famoso. Entre usuários de maconha, significa alguém que está sob o efeito da droga.

⁷⁴ Aplicar: dar entrada na Polícia. (Definição do autor)

⁷⁵ X9: delator; fofoqueiro.

⁷⁶ Xisnovar: realizar delação ou entrega de alguém; fazer fofoca.

⁷⁷ Morrer de bucha: morrer assassinado.

18. Meu corpo todo gelou, parecia que tava feito. Era minha vez. Minha coroa ia ficar sem filho nenhum, sozinha naquela casa. Mentalizei Seu Tranca Rua⁷⁸ que protege minha avó, depois o Jesus⁷⁹ das minhas tias. Eu não sei como conseguia correr, menó, papo reto, meu corpo todo parecia que tava travado, eu tava todo duro, tá ligado? Geral na rua me olhando. Virei a cara pra ver se ainda tava na mira do verme, mas ele já tinha dado as costas pra continuar revistando os menó. Passei batido⁸⁰!

MARTINS, Geovani. Rolézim. In: **O sol na cabeça**. 1. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018, pp. 9-16.

Após a audição e leitura do texto, responda às questões a seguir:

1. O conto *Rolézim* é construído de modo a simular uma conversa, um registro oral. Por se tratar de um conto que narra uma situação no Rio de Janeiro, gírias e expressões também cariocas foram inseridas ao longo do texto. A partir disso, responda:
 - a. De que maneira a leitura do conto pelo autor potencializa a compreensão do texto.

Pela relação do texto escrito com o registro oral, a leitura do autor potencializa a compreensão do texto, pois traduz-lhe o ritmo e a prosódia esperadas à situação comunicativa. A ampliação das gírias, do uso da concordância verbal e outras regras gramaticais de modo desviante ao padrão também consegue ser mais bem percebida a partir da leitura de Geovani Martins. É evidente que o contato com o texto escrito já pode trazer e amplificar a ideia do que está retratado no enredo, entretanto a audição do texto contribui significativamente para a construção do sentido.

- b. No ensaio *Eu e o outro – O Invasor ou Em poucas três linhas uma maneira de pensar o texto*⁸¹, Manuel Rui enuncia que “o texto oral tem vezes que só pode ser falado por alguns de nós. E há palavras que só alguns de nós podem ouvir. No texto escrito posso liquidar este código aglutinador. Outra arma secreta para combater o outro e impedir que ele me descodifique para depois me destruir.”

Apesar de estar inserida em outro contexto (a realidade urbana do Rio de Janeiro na década de 2010), a produção literária de Geovani Martins dialoga com a proposta do escritor angolano no contexto da descolonização de Angola. De que maneira o conto *Rolézim* manifesta esse diálogo? Pode-se dizer que há uma relação interdiscursiva entre os pressupostos de Rui e Martins?

⁷⁸ Seu Tranca Rua: entidade popular do Candomblé.

⁷⁹ Jesus: entidade popular das religiões cristãs.

⁸⁰ Passar batido: passar despercebido.

⁸¹ O ensaio *Eu e o Outro – O Invasor ou Em poucas linhas uma maneira de pensar o texto*, de Manuel Rui, foi trabalhado em aula, durante a leitura do romance *Bom dia, camaradas*, de Ondjaki, para aprofundar a reflexão sobre o papel que a literatura teve durante a luta pela descolonização de Angola. O texto pode ser acessado integralmente no link: <https://pt.scribd.com/document/352018927/rui-eu-e-o-outro>. Acesso em 30 de agosto de 2025. Assim como também pode ser visto contextualizado em uma proposta de Redação da UNICAMP, de 2018, no link: <https://escribas.etc.br/wp-content/uploads/2018/12/Unicamp-relat%C3%B3rio-escolar-escrito.pdf>. Acesso em 30 de agosto de 2025.

O conto *Rolézim*, de Geovani Martins, manifesta relação interdiscursiva com a proposta de Manuel Rui, pois as ideias presentes no ensaio são exemplificadas no texto de abertura do livro **O sol na cabeça**. Conforme apontado no item anterior, a leitura do autor do texto potencializa a relação com o registro oral que a narrativa propõe. E, inevitavelmente, sendo de um Estado que fala outra variante linguística do português, ter a oportunidade de ouvir a narrativa com as nuances e características que o usuário da variante usada de modo central no texto é importante para não “descodificar” a plenitude do que está construído.

2. A temática abordada no conto se assemelha a passagens dos romances **Bom dia, camaradas** e **Capitães da areia**. A partir disso, responda:
 - a. Em **Bom dia, camaradas**, o protagonista, junto aos seus colegas de escola, passa por uma situação de tensão por conta do grupo *Caixão Vazio*. O medo que o grupo *Caixão Vazio* trazia aos angolanos na década de 80 se assemelha ou se distancia da situação relatada do oitavo ao décimo parágrafos do conto *Rolézim*? Fundamente sua resposta apresentando o que justifica o medo em cada uma das situações⁸².

O *Caixão Vazio* era um grupo que representa uma gangue que causava medo e receio aos moradores de Luanda no período da descolonização. O momento do ataque do *Caixão Vazio* à escola em que é ambientada a narrativa do romance **Bom dia, camaradas** distancia-se, por conseguinte, do medo que é descrito nos parágrafos 8 a 10 do conto *Rolézim*. Enquanto havia uma ameaça real da gangue aos estudantes e aos cidadãos luandenses de modo geral, o receio do protagonista do conto e de seus amigos que estavam dando rolé na praia justifica-se apenas pelo estereótipo e preconceito direcionados a jovens periféricos – os quais, muitas vezes, são intensificados, também, pelo marcador social de raça. Ou seja, os marcadores de diferença determinam o tratamento que será direcionado aos frequentadores da praia.

- b. No romance **Capitães da areia**, o reformatório era um dos locais para onde eram enviados os menores em situação de abandono. No conto *Rolézim*, cita-se o Instituto Padre Severino que, por muitos anos, também foi um dos maiores reformatórios do Rio de Janeiro. A partir disso, disserte sobre como as instituições citadas se assemelham e diferem em quais sentidos em cada uma das narrativas.

Os reformatórios foram, por muito tempo, espaços de repressão e opressão de adolescentes em situação de reclusão. No romance de Jorge Amado, os capitães da areia tinham pavor de serem direcionados ao reformatório, em razão dos maus-tratos aos quais os menores para lá direcionados eram apresentados. Logo no início da narrativa, há uma descrição de denúncias e visitas que são deturpadas a partir da noção que a mídia constrói das perspectivas apresentadas: a carta enviada pela mãe de um dos detentos – denunciando contundentemente as práticas de tortura e desrespeito realizadas no reformatório – é ignorada pelo jornal; a carta de um padre que reforça o que fora

⁸² Em sua resposta, tenha cautela para não desrespeitar os Direitos Humanos. Caso isso aconteça, sua resposta será desconsiderada.

Esta nota de rodapé foi incluída, no contexto da prova, tanto para aliar a um dos pressupostos que zeram a Redação do ENEM, assim como pela razão de o texto *O direito à literatura*, de Antonio Candido, ter sido o primeiro texto de análise do ano junto à turma.

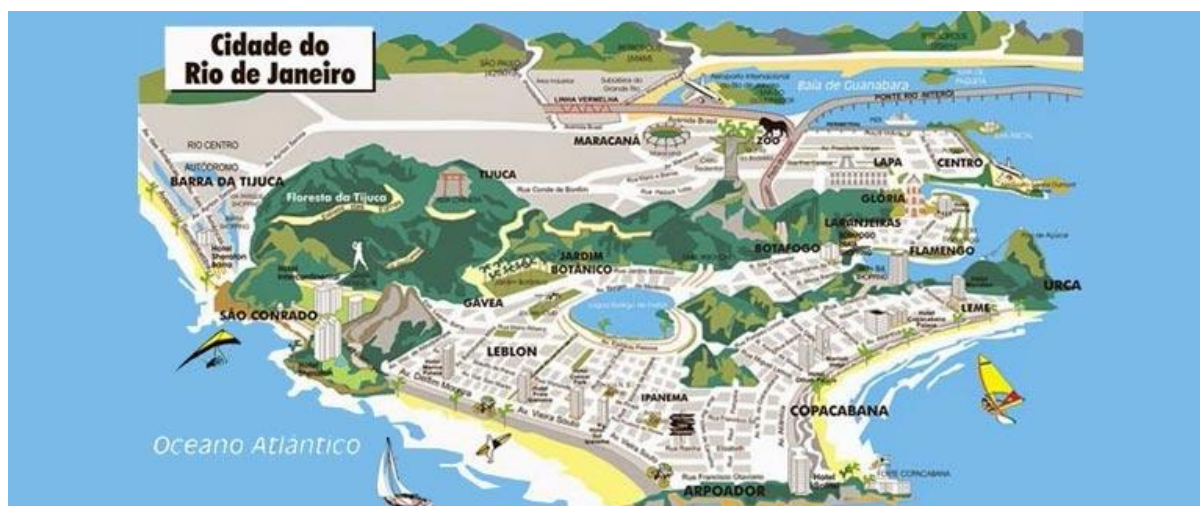


Imagem 3: Representação da cidade do Rio de Janeiro, por uma companhia de turismo⁸⁵.

- a. Atente-se ao contraste entre as representações das imagens 1 e 2, e 3. Disserte sobre como se pode inferir a problemática econômica, a partir do aspecto socioespacial⁸⁶, e como ela se relaciona ao conto *Rolézim*.

O contraste entre as representações das imagens 1 e 2 escancara a desigualdade econômica que assola as diferentes regiões do Rio de Janeiro: observa-se que a Zona Sul e o Centro, por exemplo, têm maior predomínio de indivíduos de classe média alta e alta. Entretanto, há áreas vermelhas também nestas regiões. No caso do *Rolézim* – e de outros contos de *O sol na cabeça* – observa-se que as personagens moram em favelas da Zona Sul carioca. Tal situação também corrobora ao fato de as narrativas de Geovani Martins também traduzirem um pouco de suas vivências enquanto cria da Rocinha, que é a maior favela da América Latina. Em relação à imagem 3, vale destacar que a representação do Rio de Janeiro pela companhia de turismo, basicamente, desconsidera os espaços da cidade em que há poucos recursos socioeconômicos, ampliando uma visão elitista e preconceituosa dos espaços que compõem a cidade. A Rocinha, por exemplo, que fica entre os bairros da Gávea e São Conrado nem é mencionada na imagem 3 – mesmo, como já citado, sendo a maior favela da América Latina, com área de ocupação de mais de 140 hectares.

4. Leia o trecho a seguir, retirado do romance **Bom dia, camaradas**:

Ê, hum!, tipo que o camarada professor Ángel também tinha lágrima a escorregar no canto do olho. Nós batemos palmas; a camarada professora e a Petra estavam mesmo a chorar, a Ró não sei, não conseguia ver a cara dela, eu tinha ficado uns coche emocionado também, mas não podia bandeirar, o Cláudio estava atento. A mãe da Ró disse que era melhor regarmos aquelas palavras com um brinde e trouxe uma garrafa de champanhe.

ONDJAKI, **Bom dia, camaradas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014: p. 109.

⁸⁵ Disponível em: <https://www.dicasdacarioca.com.br/rio-de-janeiro/conhecendo-o-rio>. Acesso em 30 de agosto de 2025.

⁸⁶ Socioespacial: aquilo que se relaciona às classes/grupos sociais e espaços que habitam/ocupam.

- a. Diante do contexto apresentado, o que significa o termo *bandeirar*?

O termo *bandeirar*, no contexto apresentado, tem relação à ideia de *dar bandeira* como algo do qual não se deve apresentar, do que não se deve realizar. Como este é um trecho do final do romance, com um momento de despedidas e fortes emoções, em especial dos indivíduos do sexo masculino, não se esperava demonstrações públicas lidas como exageradas, tais como chorar.

- b. A situação explorada no item a explicita um aspecto do padrão de masculinidade que se espera de indivíduos do sexo masculino em sociedades patriarcais, como a brasileira e a angolana. Isto acaba, em certa medida, gerando preconceito em relação a determinados grupos da sociedade. Cite um destes grupos e descreva uma maneira, fato ou situação em que se explicita esse tipo de preconceito.

A partir do que se apresenta no item a, pode-se pensar no preconceito direcionado à população LGBTQ+, uma vez que os papéis sociais de gênero também se vinculam às construções de orientação sexual e identidade de gênero. Outros marcadores sociais da diferença também serão centrais para as práticas de exclusão e preconceito aos quais cada indivíduo poderá sofrer: um homem gay, branco, de classe média alta e que performe uma masculinidade mais próxima ao padrão pode passar incólume em diferentes espaços, sem que seja visto como uma ameaça ou pessoa a ser excluída de determinada prática social. Algo que não se pode considerar, de igual modo, a um homem gay, preto, de classe média baixa, por exemplo.

- c. (FUVEST 2011) Pensando nos “capitães da areia”, entre as variedades de preconceito enumeradas a seguir, aponte aquelas que o grupo rejeita e aquelas que acata e reforça: preconceito de raça e cor; de religião; de gênero (homem e mulher); de orientação sexual. Justifique suas respostas.

- Raça e cor: os “capitães da areia” rejeitam o preconceito de raça e cor, já que há meninos de diferentes e variadas etnias compondo o grupo e estas não são características levadas em consideração para excluir – ou mesmo enaltecer – alguém do coletivo.

- Religião: as diferentes religiões também são respeitadas no coletivo, haja vista que não se demonstra divisão dos meninos em razão das crenças religiosas que têm: Pirulito, por exemplo, é um menino que demonstra muita aproximação aos preceitos cristãos e nutre o desejo de ser padre. De todo modo, os “capitães” também têm relação de proximidade e parceria com uma mãe de santo, Don’Aninha. O sincretismo religioso é uma característica bastante presente na composição de Salvador e esta característica é presente no romance de Jorge Amado.

- Gênero (homem e mulher): os “capitães da areia” acatam e reforçam o preconceito de gênero. Uma das regras do grupo era o de que mulheres não poderiam fazer parte do coletivo. A chegada de Dora movimenta um tanto desta condição, mas, ainda assim, de modo um tanto controverso, já que a primeira aparição da personagem advém de uma situação abusiva da menina com o líder do grupo, Pedro Bala.

- **Orientação sexual:** assim como o preconceito de gênero, a exclusão pela orientação sexual também era reforçada pelos “capitães da areia”. Logo no início do romance, Sem-Pernas fica atento à relação de Barandão e Almiro, para verificar se consegue identificar quem realiza o papel de ativo e quem realiza o papel de passivo na relação sexual. O papel de ativo, por ser mais próximo do ideal de masculinidade, era até passível de aceitação, já o membro que fosse o passivo, por se aproximar do que é construído como ideia de feminilidade, deveria ser excluído do grupo.

5. (UNICAMP 2010 – adaptada) Leia o trecho a seguir, do capítulo *As luzes do carrossel*, de **Capitães da areia**:

O sertanejo trepou no carrossel, deu corda na pianola e começou a música de uma valsa antiga. O rosto sombrio de Volta Seca se abria num sorriso. Espiava a pianola, espiava os meninos envoltos em alegria. Escutavam religiosamente aquela música que saía do bojo do carrossel na magia da noite da cidade da Bahia só para os ouvidos aventureiros e pobres dos Capitães da Areia. Todos estavam silenciosos. Um operário que vinha pela rua, vendo a aglomeração de meninos na praça, veio para o lado deles. E ficou também parado, escutando a velha música. Então a luz da lua se estendeu sobre todos, as estrelas brilharam ainda mais no céu, o mar ficou de todo manso (talvez que lemanjá tivesse vindo também ouvir a música) e a cidade era como que um grande carrossel onde giravam em invisíveis cavalos os Capitães da Areia. Nesse momento de música eles sentiram-se donos da cidade. E amaram-se uns aos outros, se sentiram irmãos porque eram todos eles sem carinho e sem conforto e agora tinham o carinho e conforto da música. Volta Seca não pensava com certeza em Lampião nesse momento. Pedro Bala não pensava em ser um dia o chefe de todos os malandros da cidade. O Sem-Pernas em se jogar no mar, onde os sonhos são todos belos. Porque a música saía do bojo do velho carrossel só para eles e para o operário que parara. E era uma valsa velha e triste, já esquecida por todos os homens da cidade.

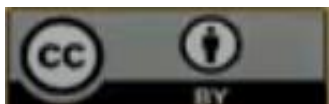
AMADO, Jorge. **Capitães da areia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 68.

- a. Qual o gênero literário que predomina no romance **Capitães da areia**? De que modo o capítulo do qual o trecho retirado estabelece um contraste com o gênero literário predominante no romance? Quais são os elementos desse contraste?

No romance **Capitães da areia**, há predomínio do gênero épico, já que a trajetória do(s) herói(s) da narrativa, o grupo de meninos abandonados na Salvador dos anos 30, é o grande centro da narrativa. O capítulo *As luzes do carrossel*, no entanto, é permeado por um lirismo que amplia a subjetividade presente nas personagens. A magia da brincadeira e o destaque dado às sensações e pensamentos que os meninos tinham de modo diferente do que lhes era mais cotidiano. É um capítulo no qual não há o pensamento da transgressão às regras – pelo contrário, é um capítulo em que eles, de fato, são vistos apenas como menores de idade com direito ao encantamento e à magia do brincar.

b. Qual a relação de tal contraste com o tema do livro?

O contraste entre o épico e o lírico presente no capítulo é o que amplia a reflexão sobre a ausência de liberdade que os meninos, em alguma medida, vivenciam. O romance desnuda e escancara as contradições de, embora se considerarem e serem – por que não – vistos como donos da cidade os exclui de muitos direitos básicos aos quais deveriam lhes ser garantidos. O direito à moradia, à educação, ao saneamento básico, entre outros, não são sequer considerados em muitos momentos para o grupo.



Prova trimestral de Literatura, do primeiro período/trimestre, direcionada às turmas de 1ª série do Ensino Médio de uma escola da rede privada da Zona Sul de São Paulo, com instruções, introdução, questões, sugestões de resposta e notas de rodapé feitos por Michel Carvalho Macedo. Este material está licenciado com uma licença [Creative Commons – Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).